

## **MEMÓRIAS DE EX–PROFESSORES DE UMA ESCOLA POLIVALENTE: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INTEGRAÇÃO ENTRE AS DISCIPLINAS TÉCNICAS E PROPEDEÚTICAS**

Bruna Luiz dos Santos\*  
Maria Augusta Martiarena de Oliveira\*\*

**RESUMO:** No âmbito da pesquisa relativa à história da Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente, em Osório (RS), o presente trabalho objetiva analisar os relatos de cinco ex–professores acerca da formação profissional propiciada pela instituição e de como era a integração das disciplinas técnicas com as propedêuticas. As narrativas foram colhidas através da História Oral, com a realização de entrevistas guiadas a partir de um questionário semiestruturado. O artigo também visa expor e refletir sobre a compreensão de ensino integral, assim como reiterar a importância da memória e da História Oral para a História da Educação. Conforme as falas de cada entrevistado, foi possível compreender que a Escola Polivalente se preocupou em ofertar uma formação integral, a partir da intercalação das disciplinas técnicas com as propedêuticas, tendo professores especializados em cada área. Havia ainda um sistema de integração efetivo entre essas disciplinas, para tanto, acontecia uma reunião toda semana, na qual eram tratadas questões acerca do processo de integração das matérias. Além disso, a formação técnica propiciada pela instituição foi decisiva para muitos alunos decidirem seus futuros acadêmicos. A instituição também se preocupou em educar o aluno para ter um olhar crítico sobre o mundo e a atuar em sociedade. Ademais, os professores da escola eram muito unidos e não apenas as disciplinas eram bem integradas, mas a direção, os professores, os pais e os alunos também eram, quando o assunto era a escola.

**PALAVRAS–CHAVE:** Ensino integral; Ensino técnico; Escola Polivalente; Formação profissional.

## **MEMOIRS OF A FORMER TEACHER IN A POLYVALENT SCHOOL: PROFESSIONAL TRAINING AND THE INTEGRATION BETWEEN TECHNICAL AND PROPEDEUTIC DISCIPLINES**

**ABSTRACT:** As part of the research on the history of the Maria Teresa Vilanova Castilhos School – Polyvalent School, in Osório (RS), the present paper aims to analyze the five ex teachers' stories about the professional training provided by the institution and how was the integration of technical and propaedeutic disciplines. The narratives were collected through Oral History, with interviews guided by a semi–structured questionnaire. The article also aims to expose and reflect on the understanding of integral education, as well as to reiterate the importance of memory and Oral History for the History of Education. According to the statements of each interviewee, it was possible to understand that the Polyvalent School was concerned with offering a integral education, with the intercalation of technical and propaedeutics disciplines, having specialized teachers in each area. There was also an effective system of integration between these disciplines, for this purpose; a meeting was held every week, in which issues related to the integration process of the disciplines were dealt with. In addition, the technical education provided by the institution was decisive for many students to decide their future academics. The institution was also concerned with educating the student to take a critical look at the world and to act in society. Beyond that, the school teachers were very united and not only were the disciplines well integrated, but the school management, teachers, parents and students were also integrated, when the subject was the school.

**KEYWORDS:** All–day teaching; Polyvalent school; Professional training; Technical teaching.

\* Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Osório, e Bolsista de IC no projeto História e Memória da Educação Profissional: Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Polivalente, Osório (RS), Brasil. E–mail: bruunaluiz@hotmail.com

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e Pós–doutorado em Educação, História e Políticas pelo Programa de Pós–Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Osório, (RS), Brasil.

## INTRODUÇÃO

O artigo pretende expor e analisar os relatos de ex-professores da Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente, em Osório (RS), acerca de como era a formação profissional propiciada pela instituição e como era a integração entre as disciplinas técnicas e as propedêuticas. As narrativas aqui presentes foram colhidas através da metodologia da História Oral, diante de um questionário semiestruturado aplicado com cinco ex-professores. O critério para a seleção dos participantes foi sua atuação na escola entre as décadas de 1970 e 1980. Este trabalho também procura refletir sobre a importância da memória e da História Oral na investigação histórica, especialmente na História da Educação.

O tema escolhido visa a preservação da história da Escola Polivalente na cidade de Osório (RS), a qual não tem muitos estudos no âmbito da História da Educação (OLIVEIRA, 2017, p. 324). Pesquisar sobre a história dessa instituição é profundamente relevante, tendo em vista o contexto e o objetivo de sua instauração, além disso, o estudo dessa escola promove uma maior compreensão sobre a função do IFRS (Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio Grande do Sul), enquanto instituto que tem por base o ensino profissional, somado ao fato de que o IF possui um compromisso social com o local em que um *campi* está inserido, e isso envolve o estudo da região (OLIVEIRA, 2017, p. 325).

Hilsdorf (2003, p. 125) pontua que na década de 1970 o ensino era pensado de cima para baixo, em uma “direção tecnicista”, assim, durante a Ditadura Militar estabeleceram-se acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Internacional de Desenvolvimento (USAID), que objetivavam a criação de instituições que ofertassem disciplinas técnicas juntamente com as propedêuticas para, desse modo, formar mão de obra barata, que suprisse o crescimento industrial, e oferecer uma educação profissional para as classes menos favorecidas (OLIVEIRA, 2017, p. 325). A fundação dessas instituições ainda está associada com a reforma educacional promovida pela Lei nº 5.692/71, que modificou os 1º e 2º graus, tornando o último obrigatoriamente profissionalizante (ARAÚJO, 2010 *apud*

OLIVEIRA, 2020, p. 166). A Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente foi fundada nesse período, fruto dos acordos MEC–USAID. Inaugurada no dia 14 de novembro de 1974, situada na cidade de Osório, no litoral Norte do Rio Grande do Sul (PLANADOR, 1975, p. 15), a instituição, atualmente, continua ativa com o ensino fundamental e médio.

## 2 METODOLOGIA

Na realização da presente pesquisa, foram realizadas entrevistas com cinco ex-professores da Escola Polivalente. O critério para a seleção dos participantes foi sua atuação na escola entre as décadas de 1970 e 1980. A entrevista semiestruturada foi a opção escolhida, por ser o “meio–termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto”, e, por isso, a melhor escolha (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 237). Dessa forma, foram formuladas algumas questões norteadoras previamente definidas, contudo, teve-se como intuito principal a preservação de uma conversa flexível. Era possível, por exemplo, adaptar as questões de acordo com o rumo que o diálogo tomasse e dar o devido tempo que o entrevistado viesse a precisar.

Seguem abaixo as questões elaboradas para as entrevistas, este é o roteiro padrão, o qual foi aplicado na íntegra em algumas entrevistas e adaptado em outras, conforme a relação do(a) docente com a Escola Polivalente. Entretanto, este artigo só abrange as respostas dos entrevistados acerca das perguntas de número 5 e 6.

**Quadro 1. Questionário**

| Instrumento – Questionário para entrevista semiestruturada:   |
|---|
| 1. Informe seu nome, local de nascimento e formação.  |
| 2. Relate-nos como foi o seu ingresso no magistério. Sempre atuou na cidade de Osório?  |
| 3. Comente pontos marcantes de sua trajetória no magistério.  |
| 4. Atuou na Escola Polivalente? Em que período?   |
| 5. Como era a integração entre as disciplinas técnicas e as propedêuticas?  |
| 6. Como você entendia a formação profissional propiciada pela Escola Polivalente?   |
| 7. Como foi o contato com a Revista Polivisão?  |
| 8. Na sua opinião, quais eram as diretrizes do impresso e qual o papel de um periódico educacional para a cidade de Osório, durante a década de 1980?           |
| 9. Fez parte do corpo editorial? Qual foi a motivação para integrar esse grupo?   |
| 10. Como era o processo de redação dos artigos publicados na Revista Polivisão?   |
| 11. Quais as influências teóricas que pautavam a escrita?   |
| 12. Havia alguma influência política, seja partidária ou relacionada ao CEPERS?   |
| 13. Como se dava a prática docente na fase de transição entre a Ditadura Militar e a redemocratização? A produção da revista foi influenciada por tal contexto? |
| 14. Como se dava a relação com a comunidade, notadamente os alunos, em geral, e especialmente com o Grêmio Monteiro Lobato?                                     |

As entrevistas realizadas em 2019 ocorreram de forma presencial, com o auxílio de um gravador de voz disponível em um aparelho celular. Essas entrevistas, posteriormente, passaram pelo processo de gravação, que é, segundo Alberti (2004, p. 173), “o processo envolvido na passagem da entrevista da forma oral para a escrita, compreendendo as etapas de transcrição, conferência de fidelidade da transcrição e copidesque”. Na etapa atual, no ano de 2020, as entrevistas foram realizadas de forma remota, através de mensagens trocadas pelo aplicativo *WhatsApp*, devido à pandemia que se instaurou em todo o mundo. Os entrevistadores dessa pesquisa foram tanto os

bolsistas do projeto quanto a coordenadora do mesmo e a diferença de tempo entre cada entrevista deve-se ao fato da disponibilidade dos entrevistados para participar da pesquisa<sup>3</sup>.

A seguir, uma tabela com a apresentação dos entrevistados, seus nomes, local de nascimento, sua formação, bem como a data de realização das entrevistas.

**Quadro 2. Entrevistados**

| Nomes                     | Local de nascimento                  | Formação  | Data da entrevista |
|---------------------------|--------------------------------------|---|--------------------|
| Naura Martins             | Osório (RS)                          | Letras  | 06/05/2019         |
| Teresinha Catarina Walker | Feliz (RS)                           | Letras  | 18/07/2019         |
| Sebastião Fich da Rosa    | Lagoa Vermelha (Tupanci do Sul – RS) | Licenciatura Plena em Administração e Agricultura           | 15/10/2019         |
| André Poltronieri         | Rio dos Cedros (SC)                  | História, Geografia, Filosofia, Estudos Sociais e Pedagogia | 26/03/2020         |
| José Carlos Becker        | Venâncio Aires (RS)                  | História Natural, Pedagogia e Direito                       | 15/04/2020         |

Agora, para uma melhor compreensão do artigo, torna-se necessário discutir as concepções de História Oral e Memória.

**2.1 HISTÓRIA ORAL: ENTRE NARRATIVAS E FATOS**

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que tem por base as fontes orais, coletadas através de entrevistas (LANG, 1995, p. 34). Essa metodologia analisa criticamente e interpreta a realidade através da investigação das falas “dos atores sociais envolvidos

<sup>3</sup> Vale ressaltar que este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFRS foi aprovado pelo Parecer n. 3.346.777 e que os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e não houve risco para os participantes, eles podiam desistir a qualquer momento, mesmo depois de transcritas as entrevistas.

no processo de construção do conhecimento” (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 980). Cabe à História Oral registrar as experiências de diversos indivíduos e, por isso, deve ser compreendida como uma ciência que recupera narrativas a respeito de fatos que não foram registrados em outro tipo de documentação, ou, então, para acrescentar novas perspectivas em determinado documento histórico (QUEIROZ, 1988, p. 19).

Para Harres (2004, p. 145), “é a experiência do indivíduo com o passado que precisa ser compreendida, o que implica termos em conta o trabalho da memória na formação das identidades pessoais e sociais”. Dessa forma, através da memória das pessoas que viveram determinado fato e estiveram nos bastidores da história é que poderemos conseguir compreender o passado. A memória é um modo de manter a história viva e por isso recorremos à História Oral, pois com ela podemos descobrir fatos nem imaginados, muito além do que está presente em outros tipos de documentos, e também entender como era o pensamento de pessoas que vivenciaram determinado período.

Thompson (1992, p. 21–22) afirma que “a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”, pois ela é capaz de mudar o cerne da história e nos mostrar novas maneiras de pesquisar a mesma. Assim, segundo Santos, Moraes e Brito (2015, p. 987), a utilização da História Oral, como metodologia de pesquisa, nos guia a diferentes formas de entender e distinguir a realidade ao nosso redor e, dessa forma, nos auxilia na compreensão da história e seus “bastidores”, como denominam as autoras, de modo que nos possibilita enxergar “novas, outras leituras acerca de um fato social”.

Através da oralidade podemos perceber a emoção do narrador diante dos fatos apresentados e a subjetividade nas suas hesitações (FREITAS, 2006, p. 99), a interpretação se torna mais simples de ser realizada, principalmente quando o indivíduo vivenciou a história que está narrando. De acordo com Santos, Moraes e Brito (2015, p. 980), “a história é constituída por inúmeros fios”, e só juntando todos esses fios é que podemos reconstruir uma história, e para isso precisamos

enxergar a História Oral como uma metodologia que possibilita a reconstrução do passado através, para as autoras, “da memória dos sujeitos de hoje”. Estudar os relatos de cada narrador e tentar compreender como o passado ficou marcado na memória de cada um “é descobrir sentidos diversos que são desenhados pelos sujeitos que fizeram com que a história local ou regional acontecesse” (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 988).

A História da Educação cada vez mais tem utilizado a História Oral como metodologia de pesquisa, conforme Almeida e Grazziotin (2016, p. 900), cada vez mais essa área do conhecimento tem inovado para compreender o passado recente, considerando, assim, as memórias orais da educação. Para Nóvoa (1988, p. 12), “as ciências da educação compreendem de modo intuitivo a importância do método biográfico, que veio a revelar não apenas um instrumento de investigação, mas também (e sobretudo) um instrumento da formação”.

A coleta das memórias, no campo da História Oral, é feita através da realização de entrevistas com o auxílio de um gravador de voz, e logo após, essas entrevistas passam pelo processo de degravação e análise (ALBERTI, 2004). Há a elaboração de um questionário, que não deve ser extremamente rígido, afinal, ao decorrer da entrevista podem surgir diferentes caminhos, e, por essa razão, a flexibilidade é imprescindível para uma entrevista compreensiva (ZAGO, 2003, p. 296). Almeida (2009, p. 222) diz que a entrevista deve ser como uma conversa e tanto o entrevistado quanto o entrevistador devem estar envolvidos na história a ser rememorada. É importante ressaltar também que dentro de uma entrevista não se pode desprezar o contexto em que o indivíduo estava e como ele afeta a narrativa do mesmo, dentro da experiência individual sempre há o coletivo, afinal, a memória é construída através da convivência com o outro (CIAMPI; GODOY, 2017, p. 254).

Devemos olhar para a oralidade como um importante registro histórico que precisa ser aceito e legitimado, a premissa de que a oralidade não é confiável se aplica também à escrita, pois como saber se quem escreveu realmente foi fiel ao fato que aconteceu e não fez uma distorção do mesmo? Segundo Pesavento

(2003, p. 107), não há verdades definitivas e tanto a História quanto a memória situam-se “entre verdade e ficção, entre o real e não real”, portanto, todo fato pode ser alterado por alguém, seja essa pessoa quem for, torna-se sempre necessário buscar compreender as duas, ou mais versões de todo acontecimento.

Para Thompson (1992, p. 44), a História Oral admite relatos vindos não somente de pessoas importantes na sociedade, mas, também, da maioria do povo que é desconhecida, sendo assim, esse método é um meio de valorizar as vozes dos excluídos. Ao passo que na escrita, normalmente, temos somente uma pessoa narrando o ocorrido, com a História Oral podemos ter várias narrativas de diferentes indivíduos, podendo, assim, dar voz às minorias que foram, infelizmente, silenciadas ou esquecidas pela história escrita (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 985). Dessa forma, é imprescindível que a história se renove e comece a ser contada de várias formas, com seus vários fios, por meio de várias vozes. Segundo Santos (2001 *apud* SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 987), utilizar-se da História Oral como uma metodologia “é devolver aos sujeitos a autoria de suas histórias”.

Compreende-se que a História Oral não tem por finalidade substituir a pesquisa com documentos escritos, mas complementá-la, permitir novas possibilidades e perspectivas. Deve-se ter em conta que a constituição de uma narrativa histórica pode contar com vários pontos de vista diferentes, o que pode ser viabilizado pela oralidade. Diante de tudo isso, Ferreira e Amado (2006, p. XXV) dizem que “é importante que os arquivos públicos revejam sua estratégia de dar atenção quase exclusiva às fontes escritas e definam políticas de captação e preservação de fontes orais. Não é preciso dizer que só teremos a ganhar com isso”.

Conforme Errante (2000), a História Oral necessita da memória para existir, já para Fentress (1992, p. 14), a História Oral é a “matéria-prima da memória”, pois, possibilita o entendimento de outros prismas do passado. Almeida (2009, p. 220–221) diz que “a memória constitui-se em documento histórico”, enquanto a “história oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre

teoria e os dados empíricos”. Sendo assim, ambas estão interligadas no processo de desvendar os fatos históricos. Santos, Moraes e Brito (2015, p. 995) afirmam que os relatos de acontecimentos passados, escritos ou oralizados, só ocorrem por meio do que, segundo as autoras, “chamamos ou reconhecemos como memória”.

## 2.2 DESCOBRINDO A HISTÓRIA ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Segundo Fentress e Wickham (*apud* ERRANTE, 2000, p. 142), “o que define a História Oral, e a coloca à parte de outros ramos da história, é sua dependência à memória em vez de a outros textos”, o que nos coloca diante de um questionamento crucial, segundo os autores, “o que é memória? Nós a caçamos com um questionário, ou nós deveríamos usar uma rede de pegar borboletas?” (*Ibid.*, 1992). Segundo Boncompagno da Signa (1235, p. 255 *apud* LE GOFF, 1992, p. 453), “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”.

DaMatta (1986, p. 45) relata que “o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela “saudade”, e se “desconstrói” pelo esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar”, deste modo todos nós somos forjados pela memória, pois, muito mais do que documentos escritos ou monumentos históricos, nós somos a memória viva e carregamos dentro de nós inúmeras narrativas que precisam ser contadas e rememoradas, transformando, assim, o modo de enxergar e lembrar a nossa história, através da História Oral.

Conforme DaMatta (1986, p. 45), a nossa vida é uma eterna alternância entre o que esquecemos e o que escolhemos lembrar, essas lembranças ficam guardadas dentro de nós, segundo o autor, “como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça e que formam o que denominamos “memória”. É a nossa memória que nos possibilita lembrar, esquecer e reinventar fatos do passado, tanto individuais como coletivos, afinal, “esquecer ou modificar memórias faz o presente significativo e também alinha o presente com um

passado que logicamente aponta para um futuro que o indivíduo ou o grupo considera aceitável” (TESKI; CLIMO *apud* ERRANTE, 2000, p. 162–163). Fentress (1992, p. 39) afirma que “a nossa experiência do presente fica, portanto, inscrita na experiência passada. A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro”.

A memória é, no âmbito da História, tida como algo físico, concreto e palpável (LE GOFF, 1992, p. 423). Nos dias atuais, com o auxílio da História Oral, a memória narrada pode ser utilizada para preencher algumas brechas na história (POLLAK, 1992, p. 209) e ajudar na compreensão de determinado momento histórico através de diferentes perspectivas. É verdade, porém, que atualmente não damos o mesmo valor a algo contado como a algo escrito, embora Pollak (1992, p. 209) alerte que não há diferença entre fonte oral e escrita, pois ambas são parte de uma memória construída, que pode ou não ser confiável. Segundo Ricoeur (2007, p. 241), “a ambição de fidelidade da memória antecederia a ambição de verdade da história”. Sendo assim, é preciso reconhecer a importância da memória, pois, segundo Almeida (2009, p. 215), a memória vai “muito além da mera capacidade de lembrar os fatos passados”, ela é, segundo a autora, “como a ponta de um iceberg”.

A memória de uma pessoa está profundamente conectada ao grupo ao qual ela pertence (HALBWACHS, 2004). Pollak (1989, p. 15) nos afirma que “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”. As memórias de uma pessoa não são unicamente suas, nenhuma memória pode existir separada da sociedade, “as memórias são construções dos grupos sociais e são esses grupos sociais que determinam o que deve ser preservado” (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 991). Mesmo que sejam episódios em que pensamos que somente nós estávamos presentes, nós nunca estamos realmente sós, pois sempre carregamos conosco um pouco de cada pessoa que faz parte do nosso grupo social (HALBWACHS, 2004, p. 30).

Amado (1995, p. 133) defende que o ato de narrar uma história é algo relativo e tudo depende de “quem narra, o que narra, por que narra, como narra,

para quem narra, quando narra”. Segundo Thomson (1997), a memória individual possui vários níveis, sendo assim, diferentes narradores podem relembrar detalhes distintos a respeito de um mesmo fato, quando são incitados a rememorar. Além disso, “é o presente que faz o chamamento à memória, é o entrevistado que escolhe, consciente ou inconscientemente, a história que quer contar, o que pode contar, ou, ainda, que se sente autorizado a narrar” (ALMEIDA, 2009, p. 217).

De acordo com Thomson (1997, p. 86) nós modificamos a nossa memória na busca de construir uma história com a qual possamos conviver. Contamos o que pensamos que terá uma aceitação pública. Sempre procuramos fazer com que a história tenha um enredo plausível ou suportável. É exatamente por isso que Le Goff (1992, p. 426) diz que a memória é um instrumento importante na luta pelo poder, afinal, controlar o que é lembrado ou esquecido, manipular a memória coletiva, é de fato ter controle político e poder sobre a história, a cultura e sobre o povo.

Através dessa disputa pela seletividade de certos acontecimentos, é quando ocorre a valorização de alguns personagens históricos e a desvalorização ou esquecimento de outros (CAZORLA, 2011, p. 329). Uma pergunta crucial deve ser feita: “não seria isso uma tentativa de selecionar como nossa história deve ser contada e, mais importante, apagar propositalmente aspectos que poderiam traçar uma outra história?” (Ibid.). O modo como uma história é contada muda o modo como a mesma é vista, por essa razão torna-se necessário enxergar por diferentes ângulos, através de diferentes relatos.

Segundo Magalhães (1999, p. 76), “as instituições educativas, como as pessoas, são portadoras de uma memória”. É devido a isso que se torna de suma importância a utilização da memória no âmbito da História da Educação, pois, “para o passado recente, a memória oral, construída sobre um apurado rigor metodológico, é uma fonte de informação privilegiada” (Ibid., p. 70), através dela, podemos compreender o passado das escolas, por meio das narrativas de ex-professores, por exemplo, e entender os fatos que não estão presentes nos documentos históricos oficiais,

os quais não abrangem todas as práticas do dia a dia de uma instituição e, por causa disso, não transmitem toda a história educacional de determinado local. A história de uma instituição forma-se a partir das memórias individuais e grupais, e cabe ao pesquisador construir “um sentido para a história das instituições educativas”, através, segundo o autor, do “vaivém entre a memória e o arquivo” (*Ibid.*, p. 71).

Segundo Freitas (2006, p. 57–58), “história é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão. Elas não se distinguem”, por isso, quando buscamos compreender a história através da memória de pessoas de uma geração mais antiga, conseguimos compreender nossas origens, e conhecer, por meio de questões sociais, políticas e ideológicas da sociedade, o tempo em que eles viveram, pois “existem aspectos de nossa cultura que só poderemos alcançar com o auxílio das gerações anteriores à nossa” (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 994).

Sendo assim, rememorar certos acontecimentos é revisitar um passado que se preserva vivo na nossa memória, na interligação da memória individual com a memória coletiva, seja no âmbito da história local ou nacional (SANTOS; MORAES; BRITO, 2015, p. 992–993). Torna-se “necessário entender que independente das faltas cometidas pelas ciências diversas, a memória sempre esteve presente de alguma maneira no desenrolar da história dos homens” (*Ibid.*, p. 996). Para encerrar, Ricoeur (2007, p. 156) nos alerta que é necessário “não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu”.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: RELATOS DE EX-PROFESSORES ACERCA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INTEGRAÇÃO DAS DISCIPLINAS TÉCNICAS E PROPEDEÚTICAS NA ESCOLA POLIVALENTE

Segundo Souza e Lima (2016, p. 78), as Escolas Polivalentes surgiram durante a Ditadura Militar, por intermédio da relação econômica entre Brasil e Estados Unidos, através de acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency of International Development* (Usaid). Araújo (2010 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 166) ainda postula que a fundação dessas instituições está relacionada com a reforma educacional promovida pela Lei nº 5.692/71, que modificou os 1º e 2º graus, tornando o último obrigatoriamente profissionalizante. O objetivo com a criação dessas escolas era atender a demanda de mão de obra barata e promover assistência às classes menos favorecidas (*Ibid.*, p. 167).

Em virtude da ampla gama de questões realizadas durante as entrevistas colhidas pelo projeto ao qual este trabalho se refere, decidiu-se por priorizar, neste artigo, os relatos de ex-professores da escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente acerca da formação profissional propiciada pela instituição e como era a integração das disciplinas técnicas com as propedêuticas. A seguir, os relatos de cada entrevistado sobre os temas mencionados.

Quanto à formação profissional propiciada pela Escola Polivalente, Naura Martins relata:

Uma formação integral, quando se forma em educação, se fala na educação integral, é isso, o aluno saía com uma formação geral bem ampla, uma visão de mundo, tinha visão de mercado, claro, era ensino fundamental, mas ele tinha uma visão, ele tinha condições de discutir, ele tinha eventos [...] ele tinha voz, então ele saía com conhecimento... a sistemática necessária para ele seguir a vida acadêmica, escolar, dar continuidade, como tinha a questão prática que permitia ele sobreviver se fosse necessário (NAURA MARTINS, 2019).

Como a ex-professora afirmou, a Escola Polivalente se preocupou em ofertar uma formação integral ao discente, que lhe permitisse ter um olhar crítico sobre diversas questões. Para Araújo e Frigotto (2015), formação/educação integral é aquela que proporciona o desenvolvimento de amplas e ilimitadas capacidades de um indivíduo, intelectuais e práticas, e favorece o entendimento da realidade do aluno, de modo crítico, e a sua relação com a sociedade, capacitando-os a intervir na mesma. O ensino integrado é capaz de “promover a autonomia e ampliar os horizontes (a liberdade) dos sujeitos das práticas pedagógicas, professores e alunos, principalmente” (*Ibid.*, p. 63), e possibilita uma compreensão do mundo e o reconhecimento do discente “como produto da história, mas também como sujeito de sua história” (*Ibid.*, p. 74).

Sebastião Fich afirma que a formação técnica propiciada pela instituição foi decisiva para muitos alunos decidirem seus futuros acadêmicos. Fich reitera que os professores da escola eram muito unidos.

E acabou [...] as técnicas [...] sendo uma base pra que o aluno tomasse uma decisão de que curso ia fazer, mas ela não frutificou no sentido determinante, “olha, eu vou sair e vou ser isso, vou ser aquilo”, mas aqueles que já eram, que tinham alguma ligação, ou fizeram o curso na área industrial, ou fizeram o curso técnico, ou fizeram o curso de eletricidade, foi mais ou menos isso que aconteceu [...] e a importância dela, foi que, esse contato inicial acabou sendo decisivo pra muitos alunos tomar aquele rumo que tinha na cabeça, mas que não estavam consciente que era aquilo que eles queriam [...] e outro fato interessante na escola, é que nós tínhamos uma chamada orientação educacional, hoje tem [...] eram dois professores que faziam, um ainda está aí até hoje, que também era um incentivador do grêmio estudantil, e eu sei que tem uma pergunta nesse sentido [...] aí, é [...] acabou aquele período, de oitenta (80) em

diante já começou a diminuir, os professores que vieram pra cá, todos fizeram o chamado curso PREMEN, e o PREMEN dava uma orientação unificada, a mesma pra todo mundo, então nós éramos um grupo de professores muito unidos (SEBASTIÃO FICH, 2019, grifo das autoras).

Segundo Moura (2007, p. 12), a concepção curricular da Lei nº 5.692/71 era focada em uma “profissionalização instrumental”, sendo assim, as escolas deveriam ter como objetivo a formação técnica dos alunos para o mercado de trabalho, mas, de acordo com Wolff (1986 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 176) a partir da Lei nº 7044/82, entende-se que é necessário preparar o aluno para o “mundo do trabalho”. Assim, de acordo com Souza e Lima (2016, p. 85), a Ditadura Militar visava, com a criação das Escolas Polivalentes, “a inserção precoce ao mercado de trabalho”, segundo os autores, objetivando a diminuição da procura por vagas na educação superior, o que, felizmente, não ocorreu.

Ao contrário do que fora planejado, as Escolas Polivalentes acabaram destacando-se em suas localidades e começaram a preparar os alunos não unicamente para o mercado de trabalho, mas também para ter um pensamento crítico, formando trabalhadores e cidadãos, através de uma educação “omnilateral” (CIAVATTA, 2014, p. 198), como vimos nos relatos acima de Fich e Martins.

Teresinha Walker conta-nos que o Polivalente era ótimo para os alunos porque intercalava a parte prática com a teórica, não sendo somente uma ou outra.

A gente achava ótimo, maravilhoso, era vibrante ver o como eles gostavam, quer ver as domésticas, que eles aprendiam a fazer tudo quanto é tipo de comida, né [...] e [...] a parte de estética também, né [...] e eles contavam pra nós, era muito gratificante isso pra eles, eles sentiam amor grande pela escola, pra preservar, né, e incentivo pra estudar, porque tinha intercalação entre a parte prática, não era só teoria, teoria, teoria, né [...] então,

a gente percebia, assim, que, era um tempo maravilhoso, eu amava, assim, de paixão [...] (TERESINHA WALKER, 2019, grifo das autoras).

Conforme Proudhon (*apud* GALLO, 1993, p. 37), para se ter uma formação para o “mundo do trabalho”, é necessário uma aprendizagem politécnica, que junte o ensino científico e literário com o ensino técnico industrial, não restringindo-se apenas em uma parte, mas sim combinando a educação intelectual e artesanal, eliminando, dessa forma, qualquer tipo de alienação resultante da divisão do trabalho, que visa mecanizar o trabalhador.

André Poltronieri concorda que a Escola Polivalente propiciou uma ótima formação profissional, e enfatiza que o fato de algumas escolas, posteriormente, terem migrado para o ensino formal é lamentável.

No meu entender, uma pena que tais Escolas (mais de 60 no RS) acabaram caindo na vala comum do ensino formal: teoria, teoria, teoria e foram banidas as técnicas, que a meu ver seriam luzes para muitos alunos e alunas se iniciarem para uma profissão prática, para depois prosseguirem em cursos técnicos de segundo grau e daí os estudantes, decidirem qual o melhor curso superior (ANDRÉ POLTRONIERI, 2020).

Gallo (1993, p. 39) postula, de acordo com o relato acima do ex-professor, que toda instituição educativa deve propiciar uma “instrução geral”, como denomina o autor, para que, depois, o discente possa ter a base necessária para escolher no que especializar-se, de forma, também, que seu “domínio do conhecimento geral” não seja prejudicado.

José Becker reitera, entretanto, que a Escola Polivalente era vocacional e não profissionalizante, conforme a nota, assinada por ele, referente à inauguração da instituição em Osório (RS), que dizia o seguinte: “[...] cumpre, fiel e cabalmente, os objetivos dispostos nos primeiros artigos da Lei da Reforma do Ensino, ou seja, a sondagem de aptidões e a iniciação para o trabalho” (PLANADOR, 1975, p. 15).

Espalhou-se o boato que a escola polivalente profissionalizava para lançar no mercado agricultores, criadores, empregados para o comércio, técnicos para a indústria (médios), etc. Todos queriam estudos mais avançados, tendo conseguido reestabelecer a verdade: a escola polivalente é vocacional, ou seja, não é profissionalizante (JOSÉ BECKER, 2020).

Com base nos relatos acima e segundo Souza e Lima (2016, p. 87), podemos notar que a Escola Polivalente foi muito importante para muitas pessoas, e, além de promover o ensino técnico e profissionalizante, a instituição estabeleceu-se como um local de construção e compartilhamento de memórias pessoais e coletivas. Também não se pode negar que a Escola Polivalente exerceu grande influência, não apenas na cidade de Osório (RS), como em várias cidades pelo Brasil em que fora implantada, e propiciou acesso a uma educação revolucionária, com a integração entre as técnicas e as propedêuticas, para as pessoas que por ali passaram, tornando-se “um marco na educação técnico-profissionalizante”, servindo de modelo para as demais instituições que vieram após ela (*Ibid.*, p. 78).

Segundo Oliveira (2020, p. 167), as Escolas Polivalentes acabaram por promover um ensino integral que abrangia as disciplinas regulares juntamente com disciplinas técnicas, que eram: Técnicas Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas e Técnicas Domésticas. Quanto à integração entre essas disciplinas, técnicas e propedêuticas na Escola Polivalente, Naura Martins informa:

Elas faziam parte de currículo, elas faziam parte da grade curricular, então tu tinha aula de português, tinha aula de matemática, daquelas disciplinas do núcleo comum e tinham as disciplinas práticas, que eram as técnicas que faziam parte do currículo, não era se quisesse ou não, ele fazia parte de todo o conjunto curricular [...] e tinham os professores específicos. Como o Prudente há alguns anos atrás, o famoso CAT,

que foi uma nova [...] remodelou aquele modelo do Prudente para as escolas Polivalentes naquela época [...] (NAURA MARTINS, 2019).

Martins fala de acordo com Souza e Lima (2016, p. 82), ao contar que as disciplinas se integravam durante as aulas e ambas, técnicas e propedêuticas, faziam parte da grade curricular, nenhuma era opcional, sendo que havia os professores específicos para cada área, conforme a nota presente na revista Planador (1975, p. 15), que dizia que os professores do Polivalente eram “especialmente treinados para este tipo de escola”.

Sebastião Fich conta que havia um sistema de integração efetivo entre essas disciplinas na Escola Polivalente, para tanto, havia uma reunião toda semana, na qual eram tratadas questões acerca do processo de integração das matérias. As disciplinas técnicas acabavam por dar um sentido prático para as propedêuticas, Fich acredita e postula que não basta saber o ciclo de uma planta, por exemplo, é necessário plantá-la e vê-la se desenvolver na prática, e a Escola Polivalente proporcionava isso.

O Thomas Sérgio Giovani, ele é um autor americano, que eu estudei ele no curso de pós-graduação, ele desenvolve a ideia que o processo de comunicação e o processo de estímulo para o aluno, ele não pode ser somente a nota ou somente o dinheiro, no caso da professora, eles são vários, e eles devem abranger todas as capacidades do aluno e, no caso da escola e do professor, ele deve ser multidirecional, não é só aquela informação da sala de aula, é no convívio, ou seja, através de coisas escritas, através do painel, do mural, da conversação direta, enfim, um processo que abranja todos os sentidos da criança e no caso, a interação das técnicas dos professores... para tanto, havia reunião toda semana, quarta de manhã era um encontro que se tratava de questões administrativas, mas principalmente, do processo de

integração das matérias, como eram chamados... matérias do campo diversificado, que ela variava de região pra região, mas principalmente, no Polivalente, eram técnicas domésticas, técnicas comerciais, técnicas agrícolas e técnicas industriais... essas técnicas desenvolviam conhecimento prático, eles desenvolviam o conhecimento através de coisas lúdicas, isso é interessante, né... coisas muito rudimentares que davam um sentido prático pras propedêuticas, né... eu cheguei a tentar dar umas aulas à noite, mas eu vi que não tinha possibilidade de desenvolver a matéria à noite, o que eu podia fazer, mostrar o que era, o que é o potássio, o que é o fósforo, o que é isso, o que é aquilo, desenhar um sistema radicular, passar um slide, mostrar todo o ciclo da planta, mas eu achava que isso não era suficiente, suficiente era ver a semente nascer, ver qual é a profundidade que tu coloca a semente pra que ela germine, que não seque, que não fique muito lá pro fundo e apodreça, então tudo... tem uma profundidade ideal pra largar a semente na terra e isso os alunos testavam na prática, e isso era muito interessante... então, essa questão da escola Polivalente, eu acho que foi um marco na educação brasileira e foi muito interessante, mas ela foi uma coisa... que foi uma referência, ela foi um marco na comunidade de Osório, todo mundo queria estudar no Polivalente (SEBASTIÃO FICH, 2019, grifo das autoras).

Gallo (1993, p. 37) afirma que “não basta uma escola comum, é necessária uma oficina-escola”, onde seja possível aplicar a teoria, de forma imediata, na prática, pois, a educação não se concretiza somente tendo a teoria como base, a prática é uma ferramenta indispensável para que o ensino seja efetivo, tendo em vista que não basta saber “como se faz”, é preciso “saber fazer”. A Escola Polivalente conseguiu unir a teoria e a prática muito bem, e visava por essa

integração, afinal, como Fich relatou, eram feitas reuniões semanais para que a educação fosse bem sucedida.

Teresinha Walker declara também que havia integração entre as disciplinas técnicas com as propedêuticas e diz que os alunos faziam muitos trabalhos interdisciplinares.

Coisa assim... o conhecimento que eu tenho é que Português na época a gente era assim, a experiência que eu tive foi muito com a educação artística, então depois... e também com todas, assim, junto, na parte de fazer celebrações, né... a gente fazia... festejos de São João, daí todo mundo participava, né... e... e entre eles, eu... eu não sei te falar especificamente com quem mais as técnicas tinham, é... inter-relacionamento... eu tinha mais essa experiência, porque eu fazia esse trabalho de leitura e de apresentação do que leram, e eu não gostava, nem os alunos, de ficar escrevendo sobre o que leram, eles gostavam de contar, e eu achava essa parte boa pra desinibir eles, e em grupo eles podiam fazer o que eles queriam, o jeito de apresentar... então, foi assim muito bom pra eles, até pra gente, escolher a futura profissão, através, por exemplo, das redações que eu elogiava muito... tem gente que foi pro jornalismo, né... (TERESINHA WALKER, 2019, grifo das autoras).

Moura (2007, p. 24) nos fala sobre a importância da interdisciplinaridade, ele diz que “não são os conteúdos isolados que devem gerar os projetos de estudo, mas a necessidade de sua articulação e inter-relação”, segundo o autor os “projetos integradores” contribuem para a autonomia e responsabilidade social dos alunos.

André Poltronieri informa que, no Polivalente, não apenas as disciplinas eram bem integradas, mas que a direção, os professores, os pais e os alunos também eram, quando o assunto era a escola.

Na Escola Polivalente, na condição de Vice Diretor, professor e iniciante junto à comunidade de Osório, foram três anos de muita intensidade, de muita integração e participação. Havia uma simbiose muito forte entre direção, professores, pais e alunos. Além do cumprimento da grade curricular (LDB – Lei de Diretrizes e Bases), havia a complementação com as 4 técnicas, agrícolas, industriais, domésticas e comerciais (ANDRÉ POLTRONIERI, 2020).

Conforme Moura (2007, p. 24), “a interdisciplinaridade é um exercício coletivo e dinâmico que depende das condições objetivas das instituições, do envolvimento e do compromisso dos agentes responsáveis pelo processo ensino–aprendizagem”. Além de visar pela integração entre as disciplinas, a instituição também considerava de suma importância a integração entre os funcionários e professores da escola com os pais e alunos, como pudemos perceber com a fala de Poltronieri.

O entrevistado José Becker (2020) relata que: “As disciplinas técnicas tinham boa integração com as demais disciplinas, sendo uma ótima ferramenta no ensino devido seu cunho prático”. De acordo com Oliveira (2020, p. 169), se olharmos os textos produzidos pelos docentes na Revista Polivisão (periódico organizado pelos docentes no âmbito da Escola Polivalente de Osório), é possível enxergar a preocupação, por parte dos professores, com uma formação integral, e podemos evidenciar isso através de todos os relatos acima.

#### 4 CONCLUSÃO

Diante de todo o exposto, é possível perceber que, mesmo tendo objetivos claros de formar mão de obra barata, em função de suprir a grande demanda da indústria naquela época, e levando em conta o contexto de sua criação, a Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente acabou destacando–se na comunidade osoriense por propiciar uma educação

pública e revolucionária ao integrar o ensino regular com o profissionalizante, mas, acima de tudo, promovendo a integração entre a instituição com a comunidade externa, os pais e os alunos.

Com os relatos dos ex-professores foi possível compreender que a Escola Polivalente se preocupou em ofertar uma formação integral ao discente, a partir da intercalação das disciplinas técnicas com as propedêuticas, tendo professores especializados em cada área. Havia ainda um sistema de integração efetivo entre essas disciplinas, para tanto, acontecia uma reunião toda semana, na qual eram tratadas questões acerca do processo de integração das matérias. Durante o ensino, as disciplinas técnicas acabavam por dar um sentido prático para a aprendizagem das propedêuticas e os alunos faziam muitos trabalhos interdisciplinares. Além disso, a formação técnica propiciada pela instituição foi decisiva para muitos alunos decidirem seus futuros acadêmicos. A instituição também se preocupou em educar o aluno para ter um olhar crítico sobre o mundo e a atuar em sociedade. Ademais, os professores da escola eram muito unidos.

Podemos resumir o termo Polivalente da seguinte forma: que executa múltiplos valores e tarefas, várias funções e saberes, que envolve várias áreas (HOUAISS, 2001 *apud* CRUZ; BATISTA NETO, 2012, p. 386). A Escola Polivalente foi um marco importante para a educação, pois transformou a maneira de pensar o ensino e sua própria polivalência, valorizando a utilização da prática aliada a teoria e indo além, ao invés de formar apenas trabalhadores para o mercado de trabalho, como era o objetivo entre os acordos MEC–USAID, a instituição preocupou-se ainda em desenvolver um pensamento crítico nos seus alunos, formando, acima de tudo, cidadãos capazes de operar na sociedade, e oferecendo, dessa forma, um ensino integral no verdadeiro sentido da palavra. Como foi mencionado anteriormente, Araújo e Frigotto (2015) dissertam que uma formação/educação integral ou um ensino integrado é aquele que proporciona o desenvolvimento de amplas e ilimitadas capacidades de um indivíduo.

Vale ressaltar que as pesquisas que se

utilizam da metodologia da História Oral são importantes porque preservam a memória da educação e das instituições escolares através das narrativas de diversas pessoas que fizeram parte de determinado passado educacional. Através desses relatos conseguimos compreender a relevância que a Escola Polivalente teve para a cidade de Osório (RS). Dessa forma, têm-se por intuito o aprofundamento desta pesquisa, para que se possa descobrir mais detalhes sobre a memória dessa significativa instituição e contribuir para a preservação do patrimônio histórico–educativo.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, D. B.; GRAZZIOTIN, L. S. S. História oral: narrativas de memória, acervos e a pesquisa em história da educação. **Cadernos de História da Educação**, v. 15, n. 3, p. 899–901, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1419>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ALMEIDA, D. B. As memórias e a história da educação: aproximações teórico–metodológicas. **História da Educação**, v. 13, n. 27, p. 211–243, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1263>. Acesso em: 10 mar. 2020.

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**, São Paulo, 14, p. 125–136, 1995.

ARAÚJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61–80, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2015v-52n38ID7956>. Acesso em: 04 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 5.692/71**, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm). Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 7044/82**, de 18 de outubro de 1982. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/)

leis/L7044.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

CAZORLA, E. M. Ser Brasileiro. Será Possível Identidade Nacional no Brasil? **Cadernos do CEOM**, v. 24, n. 35, p. 311–336, dez. 2011. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1127/584>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CIAMPI, H.; GODOY, A. P. Histórias divergentes na intelectualidade docente: trajetórias formativas nas memórias de professoras do ensino municipal de São Paulo (1964–1985). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 17, n. 3, p. 244–272, jul./set. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38440>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CIAVATTA, M. O ensino integrado, a politecnicidade e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 1, p. 187–205, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303/6679>. Acesso em: 04 jun. 2020.

CRUZ, S. P. S.; BATISTA NETO, J. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, p. 385–398, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a08.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ERRANTE, A. Mas Afinal, a Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **História da Educação**, v. 4, n. 8, p. 141–174, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREITAS, S. M. **História Oral**: possibilidades e

procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GALLO, S. Politecnicidade e Educação: a contribuição anarquista. **Pro-Posições**, v. 4, n. 3 [12], p. 34–46, nov. 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARRES, M. M. Aproximações entre história de vida e autobiografia: desafios da memória. **Revista História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 143–156, jul./dez. 2004.

LANG, A. B. S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. B. (org.). **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1995.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

MAGALHÃES, J. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, R.; MAGALHÃES, J. (org.). **Para a História do Ensino Liceal em Portugal** – Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894–1895). Braga: Universidade do Minho, 1999, p. 63–77.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, ano 23, v. 2, p. 4–30, 2007. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>. Acesso em: 04 jun. 2020.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

OLIVEIRA, M. A. M. Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente: Acervos Fotográficos e História da Educação. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, v. 3, n. 2, p. 323–336, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9295/4719>. Acesso em: 22 abr. 2020.

OLIVEIRA, M. A. M. Revista Polivisão: Educação Profissional e Educação Integral/Integrada na Visão dos Docentes de uma Escola Polivalente. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n. 35, p. 164–182, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.v18i35.40499>. Acesso em: 04 jun. 2020.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PLANADOR. 16 de agosto de 1975, ano I, nº 1.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, jan./jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 31 mar. 2020.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200–212, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 31 mar. 2020.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. V. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália–Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14–43.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTOS, S. M.; MORAES, A. D. J.; BRITO, T. T. R. História Oral entre o Status de Metodologia e a Técnica. **Cadernos de História da Educação**, v. 14, n. 3, p. 979–1003, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/33148/17842>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SOUZA, S. T.; LIMA, G. A. P. Escolas Polivalentes na Ditadura Civil–Militar: Marco no Modelo de Ensino Profissionalizante ou Instrumentos de Propaganda do Regime? O Processo de Implantação do Polivalente de Ituiutaba–MG (1974–1985). **Educação & Formação**, v. 1, n. 2, p. 72–88, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/101/83>. Acesso em: 22 abr. 2020.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Projeto História: São Paulo, 15 abr. 1997, p. 51–84.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (org.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287–309.

*Recebido em: 13/07/2020*

*Aceito em: 10/11/2020*